

# Bandoleiro e Malasangre

Peça em 7 cenas para 1 ator

De

Gustavo Ott

Tradução de Marcio Gallacci Pereira

**ADVERTÊNCIA:** Todos os Direitos para montagem no Teatro, Rádio, Cinema, Televisão ou Leitura Dramática estão reservados tanto para Companhias Profissionais como Aficionados. Os Direitos e permissões devem ser obtidos através da ABRAMUS. Todos os direitos reservados. Estão especialmente e terminantemente proibidos os seguintes atos sobre esta obra e seus conteúdos: a) toda reprodução, temporária ou permanente, total ou parcial, por qualquer meio ou qualquer forma; b) a tradução, adaptação, reordenação e qualquer outra modificação não autorizada pelo autor através de seu agente; c) qualquer forma de distribuição das obras ou cópias da mesma; d) qualquer forma de comunicação, exibição ou representação dos resultados dos atos a que se refere a alínea “b”; e) fica expressamente proibida a utilização de outro nome que não seja o do autor como responsável por esta obra, em especial, as formas “versão de” ou “adaptação de”, já que o autor é proprietário de 100% dos direitos destas obras. As mudanças de linguagem, contextualização acerca das distintas culturas, cortes, incluso de palavras, improvisações, modificações de cenas ou personagens etc., formam parte da dinâmica de trabalho do teatro atual por parte de diretores e atores, mas não dá precedente em nenhum caso a entender o espetáculo como “versão” ou “adaptação” deste original. As adaptações serão permitidas quando se trata de um gênero ao outro (do teatro para o cinema, por exemplo), mas sempre sob a autorização do autor através de seu agente, ABRAMUS. A infração destes direitos poderá acarretar a utilização de ações judiciais cabíveis que em Direito aja contra o infrator ou os responsáveis pela infração. Os Direitos destas peças estão protegidos pelas leis de Propriedade Intelectual em todo o mundo e devem ser solicitados pelo autor. ([www.gustavoott.com.ar](http://www.gustavoott.com.ar)) ou a seu representante da ABRAMUS e SGAE.

GUSTAVO OTT

[gustavott@yahoo.com](mailto:gustavott@yahoo.com)

[www.gustavoott.com.ar](http://www.gustavoott.com.ar)

® TODOS OS DIREITOS RESERVADOS  
Sociedad General de Autores de España-SGA  
c/Fernando VI, 4. (28004). Madrid, España.  
Tel: (34-91) 3499550 Fax: (34- 91) 3102120  
[www.sgae.es](http://www.sgae.es)



“Será que não me entendes?  
Estou te falando do amor  
Ainda que acredites que é terremoto,  
furacão ou epidemia  
Não, isto é pior  
Porque o amor não termina,  
nem muda tua vida.  
Mas a parte em pedaços para sempre”

Malasangre

Obra em 8 cenas para um ator, 6 personagens e 11 vozes

Cachorroiro  
Ator  
Chacón  
Pingüim  
Malasangre  
Marinheiro

**1/Cachorreiro –**  
**10 p.m./22 horas**

*Música. Um relógio imenso dá a hora e o dia: 31 de dezembro: 22 horas. Misturam-se as vozes de um pequeno grupo cantando “parabéns a você” com tédio. Alguns cães tentam acompanhar ao grupo. No final, um cão inspirado lança o uivo da sua vida. Pouco a pouco se iluminam as jaulas do cenário. Outras vozes se misturam:*

VOZ 1: Que sopra!

VOZ 2: Que abram os presentes

VOZ 1: Já não assopra. Está velho!

*Risadas muito pobres, escassas e todas muito fingidas. Pouco a pouco Cachorreiro aparece em cena. Tem um papel nas mãos. Está vestido para festa de aniversário. Chapeuzinho ridículo e restos de torta no peito.*

CACHORREIRO (FURIOSO)

- Como sei que ninguém vai vir? Vou te dar três razões.  
Um: meu aniversário é em 31 de dezembro e todo mundo está em casa com sua família, desejando-se paz e amor. Ninguém virá a uma festa de aniversário de um cachorreiro, num final de ano e no canil.  
Dois: Começando pelos cães, que se negam a vir, que se fazem de loucos, se fazem de macacos, os malandros se fazem de hipócritas para que não os tragam aqui. Não é verdade? Ha! Ontem um cachorro se fingiu de morto por verminose – muito dramático o bicho, todo duro, com uma técnica de ator muito boa, mas abanando o rabo. É que nem eles se levam a sério.  
E Três: O que eu quero são presentes, não festa. Caros, se possível. De muito valor, se não for muito pedir. De bom preço, se não for incômodo.  
Mas...

(mostrando um papel)

...é este o meu presente de aniversário? É uma brincadeira? Você me trouxe um poema?

(Alto. Movendo o papel para ver se sai outra coisa)

Um poema! Deve estar drogado! E o que significa um poema? O que faço com ele? Não sabe das minhas reais necessidades. Pensa que este canil dá para muita coisa? Sabe quantos vagabundos eu tenho que alimentar todos os dias? E o que eu faço com um poema? O que eu me compro com isso, a quem eu posso mostrar, que problemas resolvo? Não, não ache que sou insensível ao teu poema. O que acontece é que o meu aniversário coincide com o fim de ano e os detalhes são importantes para mim. Me fazem pressagiar o ano novo. Como a vez em que me deu aquele poodle. E note bem: Acabei cachorro. Ou aquela vez em que me deu um calção de banho e passei cinco meses de 1997 na praia vendo cadáveres. Sim, caçando cães raivosos abandonados, debaixo do sol e com os olhos abertos. Afinal, o que se supõe que devo te dar no teu aniversário? Um recital de oboé? Um elogio ao “eu”? Um pergaminho ou um desenho em tom pastel que te lembre a infância perdida? Porque eu te lembro que quando éramos crianças você era mais bruto e mais pesado que um trator. Não te chamam Malasangre desde os sete anos por puro carinho.

(caminha para um lado)

- Um aniversário é uma data muito importante na qual os mais chegados lembram de você te dando um presente caro! Um carro, uma viagem de férias, uma boneca inflável. Mas um poema não é um presente. Um poema é mais uma confissão. Que se esqueceu e se pôs a escrever esta merda a toda velocidade para não passar vergonha.

(Emocionado)

- É isso! Esqueceu-se do meu presente! Pois não tinha que se preocupar, pode sair amanhã e me comprar algo que seja um presente de verdade. Um aparelho de som, aquele isqueiro de ouro que te mostrei, as porcarias que eu gosto, sexuais, coisas assim. A camisinha giratória, a Playboy em terceira dimensão, o chicote ejaculador, a guilhotina orgástica. Amanhã você vai à loja bonita, aquela das tetas importadas e escolhe uma boneca dessas japonesas caríssimas, com pele de veludo. Eu gosto das orientais. Sim, me traz uma chinesa. Ou pode me fazer uma surpresa. Isso não é Malasangre? Contratas cinco mulheres com próteses na língua, que eu me entrego. Ou me levas a um desses lugares aonde as mulheres são ninjas, te amarram e te lançam estrelas cortantes no rabo. O que acha? Anda Malasangre, não seja má pessoa.

(Pausa longa. Cachorro muda de expressão. Perde as esperanças)

O que você quer dizer com isto? Que o poema é o meu presente de aniversário?

(Pega o poema. Volta a lê-lo. Gosta menos ainda)

Pa...

(Lê)

Pa...

(Lê quantas vezes queira o ator, dizendo “pa...” sempre em tons diferentes)

Não tem mais de seis orações!!!

(O corrigem)

Estrofes!!!

(Se acalma. Aceitando o seu destino trágico)

Meu irmãozinho... Isso aqui é sério? Vai me ajeitar com isso? Não tem uma explicação, não quer dizer outra coisa, não é?

(Derrotado)

Só um poema. Um poema. Você que escreveu? Ah, não é a toa que não tem mais que cinco frases...

(O corrigem)

Estrofes!!!

(Continua)

Nem rima. Pelo menos me diz uma coisa: irmãozinho, tem certeza de que é um poema?

(Um cão uiva. Cachorroiro joga o papel ao suposto cão. Música)

**2/ Ator –**  
**11 p.m./23 horas**

*(Imagens de uma telenovela da moda.  
Em cena, o Ator, com cara de poucos amigos)*

A primeira coisa que vocês tem que saber é que estou procurando o Bandoleiro. Vivo ou morto. Mais vivo do que morto porque quero falar seriamente com ele e morto, bem, tudo fica mais complicado. Comunique aos demais, às outras agências. Procuro, desesperadamente, o Bandoleiro. Aonde quer que esteja!

(Caminha de um lado a outro)

Se alguém tem notícias, por favor, me avise.

(Entrega cartões ao público)

Me chamo Antônio e meu telefone é o que está no cartão. Sim, bem..., também me chamam Julio Alcântara de los Cimarrones, o pai de Cielito Dorado, a filha da empregada que morreu na igreja, criada pela Sra. Requeles, dona do Empório de Galletas Saladas, que na verdade é sua avó e não sabe, pois procura sua verdadeira filha que é sua verdadeira mãe.

Sim, mas isso é televisão...

(Pausa)

Não, não faço a menor idéia de como terminará “Corazon de Amor Ardiente”. Eu não vejo novelas. Nem mesmo as em que trabalho. Além disso, essa “Corazon de Amor Ardiente” não só é de outro canal, como de outro país. Não notaram o sotaque? Bem, são estrangeiras. Agora todas são. Neste país nem a porcaria podemos fazer bem, o que já é dizer muito, porque nisso sim é que temos tradição.

Na verdade, meu sobrenome é Santana, sou o ator da família. Mas, como todo mundo, preferia a música. Eu queria ser músico. Isso os surpreende? Eu não sei porque todos acham que sou idiota só porque trabalho na televisão. O que acontece é que a maioria de nós nos fazemos de bobos para poder comer, acredite, para poder viver. Mas se você pergunta aos sérios e até aos bobos se gostam do que fazem, te respondem, em

segredo, bêbados:

(Grita, desafiador)

...Eu sou mil e quinhentos milhões de vezes melhor que isso...!!!

(Normal)

Mas não pode, porque tem que pagar as contas.

(Procura o relógio)

Que horas são? Onze da noite! Falta uma hora para o ano terminar e, em vez de estar na minha casa, olha onde vou perder todo o meu tempo. É que já são sete horas sem saber dele...

Como Bandoleiro é? Bandoleiro é negro, alto, olhos castanhos, inconfundível. É muito nervoso e está sempre olhando para trás como se o estivessem perseguindo. Não por ser negro, mas por ser desconfiado. Por que estou procurando Bandoleiro? Isso é coisa entre ele e eu. As coisas privadas são privadas. Só devem existir entre os envolvidos e as revistas de fofocas, que se não sabem, inventam.

Uma foto? Do Bandoleiro? Pois sim, tenho uma aqui, veja. Não saiu muito bem, mas esse é ele. O que se há de fazer?

(Mostra a foto de um cão Dobermann, com um lacinho. Um tanto brega)

Foi presente da minha esposa no meu aniversário. Um bicho horrendo com quatro patas, traiçoeiro, mentalidade de frango, cego, gago, peludo e baboso. O pior é que esse animal iletrado não me demonstra nenhum respeito. Morde os meus sapatos, urina nas minhas meias, destroça os móveis e não me deixa viver em paz. Mas é um cão fino, apesar do nome. Custou caríssimo. Tem certeza que trazem todos para cá? Não há mais canis? Talvez o tenham levado com os gatos. Ele é um cão muito exótico. Gosta de passar entre as pernas. Ronroneia quando a gente acaricia seu focinho e mais de uma vez eu o ouvi dizer "miauuu". Com voz de cachorro, mas miado.

(Imita. Volta a sua pose imediatamente)

Te juro que ver um dobermann negro, agressivo, com barba, que fuma charutos, com bigodes de macho, miando como uma gatinha abandonada é uma experiência que te afeta a psique, o duodeno e o perônio. É que um cão que mia dá a impressão que é meio maricas. Homossexual.

Não, não estou incomodado. Te ofendi? Eu me pergunto porque agora todo mundo se ofende. As mulheres, os imigrantes, os do governo. A gente tem que ficar medindo as palavras para não ofender. E eu meço

pouco. Tive más notas em matemática. Tenho mau-caráter. Bem, se você está dizendo, sou malasangre. Malasangre por dizer o que penso, malasangre por ser como sou, malasangre por dizer a verdade.

(Olha as horas)

Minha esposa não quer me ver se eu não levar o cachorro para ela. Me culpa pelo seu desaparecimento. Eu só o joguei pela janela do nono andar... E, claro, ele se foi. Cão sentimental. Já não se pode aprontar uma a ninguém. Porque o lancei pela janela? Bom, queria saber se podia voar.

(Ri. Logo, sério, notando que ninguém ri com ele)

É que o encontrei na cama com minha mulher.

(Pausa)

O que você teria feito? Que um cachorro me morda, eu entendo. Que me rasgue as meias, que ladre a noite toda e não me deixe dormir, até que mie e se faça de gato... Mas que se deite com minha esposa? Sim, um dobermann, alto, negro, olhos castanhos. Vivo ou morto. Mais vivo do que morto porque quero falar seriamente com ele.

(Saca um revolver)

E morto, bem, tudo fica mais complicado. Eu o espero aqui. Pelo menos até o ano que vem.

**3/Chacón de Vargas –**  
**11:45 p.m./23:45 horas**

*(Música. Imagens da inundação e deslizamentos ocorridos no Estado Vargas, Venezuela, em dezembro de 1999. Aparece o Sr. Chacon, com a roupa cheia de barro)*

CHACON

Trabalhei 25 anos como zelador em um edifício e com as economias comprei um táxi, e com o táxi, uma casinha a prazo. Os deslizamentos sepultaram tudo: táxi, casinha e ilusões. Eu vivi isso. Mas logo vi pela televisão. E não é a mesma coisa ver pela televisão do que estar ali. Pela televisão é mais real. É pela música que colocam. E sabe como são os noticiários: colocam música ambiente, algo que subtrai os significados, como se as pessoas não entendessem sem truques. Narrou nossa história com música, a Ave Maria. Telefonei para perguntar como se chamava essa canção. É o que me fez chorar. “Ave Maria”. Que nome lindo! O que será que significa? Porque as únicas aves que estavam por ali eram os abutres. E “Maria”, o que quererá dizer? Minha esposa se chama Maria. Será que é para ela? E a pessoa ouve a música e já não vê a história, nem o terror, nem as cenas, nem o barro que levou tudo. Só vê Maria, com um belo vestido que nunca comprou e um abutre branco, delicado, como se fosse um pelicano. Por isso me pus a chorar. Não pelo que aconteceu. Mas, sim, pela música. A puta música.

(De um lado)

Trabalhei 25 anos como zelador em um edifício no litoral e com as economias comprei um táxi, e com o táxi, uma casinha a prazo. Os deslizamentos sepultaram tudo: táxi, casinha e ilusões. Continuava chovendo e os mortos já fediam quando decidi caminhar de Macuto até La Guairá. Via os helicópteros de resgate, mas com tanto cadáver e lama ao meu redor, continuei decidido a caminhar.

(Vai caminhando como o fez durante a tragédia. Com seu filho nos braços e de mãos dadas com a mulher)

Nada, caminhamos eu, a Maria e o caçula dos Chacon. Cada vez mais convencidos do que fazíamos, não paramos a marcha. Caminhando e caminhando, seguindo as idéias que a minha tradição nos havia ensinado

durante anos, as melhores gerações Chacón.

(Para de caminhar)

Quando chegamos ao refúgio, buscando mais comida que qualquer outra coisa, em vez de receber pão nos injetaram a vacina antitetânica, doada pela NASA. E não foi para todos, porque não deu para mim. No menino, que chorou, claro, lhe meteram uma agulha do tamanho de uma espada! E na minha senhora, que não queria porque suspeitávamos que estivesse grávida, e chorou também, não pelo tamanho da agulha, mas porque ali ninguém lavava as mãos. E apesar de tudo e da vacina não respirávamos mais aliviados. É que tínhamos fome. Talvez, depois da vacina, te dessem comida. Talvez a vacina mate a fome, a vacina alimenta, apaga a tristeza, é como a cerveja, como o baseado, ou o som estéreo. Eu, na verdade, não sei o que é essa coisa de vacina. Eu sempre pensei que isso era para quando alguém se cortava ou tinha alguma ferida. Mas não que se usava quando alguém havia perdido tudo. No aeroporto não nos deram comida, nem nos deixavam sentar e, finalmente, nos expulsaram. Ofereceram para nos levar a algum dos centros de refugiados em Caracas. Saindo, um enfermeiro da Cruz Vermelha me deu um jornal estrangeiro, para nossas necessidades. E enquanto cagava de medo, eu o li. Tinha a notícia do desastre.

(Lendo o jornal)

“Rios transbordados, deslizos de terra em Montesano, Caraballeda, Los Corales, Carmen de Uria, Blandin, La Sabana, Catia la Mar, Barrio Guanupe e na costa oeste do Estado de Vargas. As vias públicas totalmente destroçadas. ...situação crítica e de emergência. Em muitos lugares não há luz elétrica e estão incomunicáveis”. O boletim que o jornal publicava era assinado pela defesa civil, as duas da tarde do dia 15 de dezembro, 24 horas antes da desgraça. Mas tinha tanta fome quanto vontade de cagar.

(limpa o lugar)

Que sabiam antes e que ninguém fez nada, que todos advertiam e nos deixaram morrer... E aí? Havia perdido tudo, o que mais? Quando vi os repórteres, pensei que me ajudariam, pelo menos a me transportar para um lugar mais seguro. Mas a jornalista só queria me fazer perguntas:

(Imita a jornalista)

“O que se sente tendo perdido tudo?” Como o que se sente tendo perdido tudo? Que tipo de pergunta é essa? Perguntam porque não sabem ou porque se fazem de imbecis? Alguém pode acreditar que se sente outra

coisa além de solidão e vazio? O que acham que se sente? Não perderam tudo alguma vez, ou alguém, ou alguma coisa que seja? E pensei: se os jornalistas não sabem o que se sente, então quem tem problema são os jornalistas. Não eu. Porque eu sim sei o que se sente. E não tenho necessidade alguma de perguntar isso.

(De repente, solta um grito de agonia, terrível, digno)

Que vá sentir!

(Os cães ladram)

Estivemos ali, vagando desnorteados, correndo atrás dos cães porque eram eles que sabiam aonde a comida estava. Comemos com eles até que um se afeiçoou a nós. Minha mulher disse que lhe demos pena. Nos acompanhou nas noites, nos defendeu dos ladrões e até do exército, que andava fuzilando ao bel prazer por esta costa enlameada. Logo, se ganhei alguma coisa com tudo isto, foi que minha família foi vacinada e um amigo. Este cachorrinho. E eu o trago aqui... para que cuidem dele. Como se chama? Gosto de chamá-lo de bandoleiro. Porque tem cara de mau.

(Começa a tocar a Ave Maria, muito baixo.)

Nós não podemos tê-lo. Já não podemos cuidar de ninguém. Nós vamos para outra terra, para outro lugar, vamos começar tudo novamente. Trabalhar outros 25 anos de zelador e, com as economias, no futuro, vou comprar um táxi, e com o táxi, uma casinha a prazo. E voltar a ter o que tinha antes: táxi, casinha e ilusões. E, talvez, volte para buscar o cão. Sim, já sei que é meia-noite, final de ano, século e milênio. Já sei que tudo termina hoje. Mas é que eu nem havia começado. Nunca tive o ano de 1999, não sei nada sobre o século e do milênio não faço uma puta idéia do que vem a ser. Então vou começar a viver o que todos já viveram.

(Ouve-se um grupo de gente contando os segundos para terminar o ano.)

Porque todos estão muito contentes. Despedem-se tão felizes e abrem as garrafas de Champanha.

(Dez, nove, oito...)

E já começaram a comer as uvas, receberam tanto de tudo...

(Sete, seis, cinco...)

...que penso em recuperar o tempo perdido.

(Quatro, três, dois...)

Porque hoje não tenho ninguém a quem abraçar.

(UM! Feliz Ano Novo!)

(Ouve-se, ao longe, as saudações das pessoas. Os fogos de artifício)

(A alguém do público:)

Posso abraçar você?

(Soam fogos de artifício. Chacon abraça alguém do público. Ao separar-se, olha-o nos olhos.)

Desculpe-me. É que o futuro do cachorro não me deixa dormir.

**4/ Cobrador Pingüim –**  
**1 a.m./01 hora**

*(Aparece em cena o cobrador pingüim, com seu uniforme de trabalho.  
Come um hambúrguer de uma famosa cadeia de “fast food”)*

COBRADOR PINGÜIM

Se quero um cachorro? Não seja imbecil. Eu estou aqui esperando seu irmão para cobrar-lhe uma dívida, não para procurar companhia canina. Nada pior do que um cão acabando com a tua liberdade. E com a comida para cães cara como está! Por mim, melhor que matem a todos. Este lugar faz sentir-me mal. É que eu odeio os animais. Minha esposa, antes de me abandonar, me disse que havia me comprado um cachorrinho. Um animal para me acompanhar. Com tudo de desagradável e os porcalhões que são. Eu nunca terei uma mascote. Nem um canário. Nem aranhas permito em casa. Por que minha mulher me abandonou? Tudo começou com o pregador. Era um homem muito minguado, muito religioso, com um sentido de amizade muito bem desenvolvido. Saudava todas as manhãs...

(Fazendo como o pregador, com sotaque sul-americano)

...”Bom dia”. E fazia um gesto de bondade. Minha mulher disse que era primeira pessoa amável que havia conhecido. Este pregador tinha boa fama. Tocava a campainha, dava boa noite e com voz doce suplicava:

(como pastor)

“Poderia me emprestar uns poucos minutos do seu valioso tempo para dizer-lhe algumas palavras que o Senhor quer que você ouça?” E ninguém negava. Afinal, tratava-se de palavras do Senhor. Não era como a novela das 9, nem o jogo de futebol, nem o filme de domingo. Era Deus e assim, pelo sim, pelo não, se fazem concessões. O pregador se vestia sempre de branco. Também curava doenças, vizinhos leprosos, alguns cegos e devolveu a saúde aos incuráveis. Tratava também infartos, câncer, dores do coração, de pedra, hemorróidas, abortos, impotência, urticária, micoses nos pés e até chulé. Assim o conheci. Mas a tragédia aconteceu numa noite de 31 de dezembro qualquer, muito parecida com esta, quando voltei mais cedo para casa. Perguntei por minha esposa e me disseram que se curava das pedras nos rins com o pregador. Subi três andares e ali estavam, sentados, os vizinhos. Mulheres em idade de ficarem sérias, gente com cara de cúmplice, de viver um drama, de ter inveja, de estar

amedrontada, um sacerdote, o zelador, um tenente da polícia. Duas putas de má sorte, um ladrão, um político. Perguntei por minha mulher e me disseram que acabara de entrar. Então avanço, antes de começarem a rezar. E abri a porta.

(Para de comer)

E foi quando eu os encontrei. Ela com a calcinha abaixada, as pernas abertas e as tetas a mostra. O pregador, calças abaixadas, mostrando-me as nádegas, o pinto duro e soltando baba, comendo o cú da minha mulher. Porra, o cú... Como os cães. O que eu nunca fiz. Ela pediu ajuda e foi quando eu saquei o Smith and Wesson 38 e disse, com voz de homem, pela primeira vez na minha vida:

(Com a alma)

Que porra é essa que se passa aqui?!

(Os cães ladram)

Eu ia matá-los, eu ia foder os dois, eu ia jogá-los pela sacada. Mas, apesar da raiva, apesar da dor, não tinha valor algum. Porque uma coisa é meter um tiro em cada um, o que eles mereciam depois de tudo, e outra é fazer um concurso para ver quem o faz por você, porque definitivamente, o medo e a raiva nem sempre andam separados. No final das contas, o pregador me fez um grande favor. Me divorciou e me fez esquecer qualquer outra intenção daquilo que alguma vez chamei de amor, lar, família, filhos. Essa merda toda...

(Pausa)

Já passa da meia-noite, Cachorroreiro, e seu irmão não chega. Se não o acho agora, não vou encontrá-lo nunca. Eu abandono esta história dos pingüins e procuro um trabalho mais sério.

(Saindo)

Bom, vou indo. Não o espero mais. Vou acabar de receber o ano novo como o ano passado: vendo televisão. Sim, claro, sozinho. Ainda que nem tanto, porque ponho a roupa de pingüim de um lado. E me sinto melhor.

(Se abraçam)

Sim, feliz ano, século e milênio. Pelo menos, feliz fim de semana, o que já é pedir muito. Cuide-se um pouco, porque de tanto trabalhar aqui já está

ficando com cara de cachorro. E eu de pingüim?

(Pausa. Ferido)

Mas de cachorro é pior...

(Pausa longa. Vemos um tom de tristeza. Talvez uma lágrima lhe escape.  
A contêm.)

Olha... Quanto custa um cachorrinho desses? Eh... Ah... Um preço...  
como... para mim. Sim... para mim.

(Rompe a chorar como uma criança. Esconde a cara.)

Não sei o que está acontecendo comigo...

Não sei o que está acontecendo comigo...

Um bonito...

Sim, esse está bom.

Tem uma cara tão doce...

Não sei o que está acontecendo comigo...

Não sei o que está acontecendo comigo...

**5/ Marinheiro –**  
**02 a.m./02 horas**

*(Música. Imagens do mar. Barcos encalhados, vida de marinheiros. Em cena o Marinheiro, impecável, com seu traje de gala da marinha e sua arma oficial.)*

MARINHEIRO

Eu matei o meu melhor amigo. O conheci no mesmo lugar em que o assassinei. O chamávamos de O Grego e dele só posso dizer que era uma pessoa adorável, maravilhosa, das melhores. Um homem que um dia acordou com a certeza de que havia dormido toda a sua vida e precisava inventar uma nova vida para si. Apanhou seus pertences: seu facão, seu cachorro de três patas e um cortador de unhas de dinossauro. Foi até um barco e decidiu começar a existir. Ali eu o conheci, trabalhando como marujo em um barco que sempre levava mercadoria que ninguém revistava, mas que nós sabíamos que algum dia nos afundaria. Eu era um desses marujos que navegam com fantasmas adquiridos nos corais australianos, sobre restos dos barcos desaparecidos que se espatifam de tempos em tempos nas rochas do maldito Pacífico. Descendente daqueles que morreram nadando até uma ilha solitária que não existia em nenhum oceano. Quem pôs esse nome no Pacífico jamais navegou por ele. Porque esse mar é furioso e traiçoeiro, profundo e guerrilheiro, bandoleiro e malasangre. Mas de Pacífico só tem o nome. E quase mais nada. No barco fiz dinheiro para vestir-me como um sultão, como um príncipe antigo ou como um menino bonito de Nova Iorque. Dinheiro para ser presunçoso, convidar, fazer amigos, comprar putas para mim e para os amigos – amigos de barco, amigos de sempre – para o álcool, o mar do marinheiro, apostar em cassinos perigosos e perder tudo e chorar e dormir novamente sem um centavo. O Grego era a bondade em pessoa. Se precisavas de um favor, o homem o fazia antes de que se pedisse. Lia nos seus olhos. Sabia muito, por isso não gostava muito de falar de dinheiro. Se lhe pedisse, por exemplo, que se atirasse ao mar por você, então o fazia sem duvidar. Mas se lhe pedisse dinheiro, então seus olhos se encolerizavam, te olhava direto na alma, o cão de três patas te latia e se não se afastasse em cinco segundos, provavelmente o pastor alemão pulava em você enquanto O Grego te estrangulava com uma só de suas mãos enormes e brancas que sustentavam quatorze dedos pré-históricos. Seu faro lhe fazia traçar rotas aonde qualquer compra se convertia num investimento. Câmaras fotográficas no Japão para vendê-las no Panamá, tecidos chineses negociados na Inglaterra, porcelana inglesa para colocar na

América do Sul, droga peruana para distribuir em San Francisco. Comprava no atacado e sempre terminava com caixas cheias de dólares. E, apesar dos meus múltiplos erros, O Grego sempre me perdoou. Exceto essa vez. Essa vez não me perdoou jamais. Porque por minha culpa perdeu o que mais queria e, além do mais, no processo, perdeu a vida também.

(Bebe whisky, como se nisso sua vida tivesse ido embora)

Tudo começou com a mulher da sua vida, a mesma que tinha comprado no Japão. Era de material sintético e para ele o resultado do melhor prazer.

(Como O Grego)

“Nada como uma boneca sintética japonesa. Melhor que uma mulher, que uma sereia, que o mar quando se faz de inocente” – me dizia. A vestia, a banhava e, muitas vezes, a sentava junto dos amigos para presenciar o pôquer, para tomar cerveja e para jogar conversa fora. Dizia que ela cantava, ainda que nenhum de nós pudesse tê-la ouvido dizer nada. Bom, caralho..., era uma boneca. Como todas as outras. O Grego a amava com loucura e gostava de dizer que chegou virgem de fábrica e que nunca ia esquecer da primeira vez em que fez amor com ela. Mas, para ele, o melhor era que sempre estava satisfeita. Não pedia dinheiro, não exigia mais sexo do que ele podia dar, dormia a seu lado e não olhava para outros homens.

(Como O Grego)

“Minha boneca me espera na cama – dizia, antes de nos abandonar – É o que faz durante todo o dia”. E era feliz. Muito feliz. Até que teve que matá-la como uma puta.

(Bebe whisky. Cospe. Bebe de novo. Cospe de novo. Dói-lhe a garganta)

Que as mulheres nos barcos são de mau agouro é sabedoria do mar. Mas as bonecas, as bonecas nos barcos são como um imenso iceberg flutuando na noite mais escura da história na frente de um barco que se supõe que não afundará jamais. Foi um dia como hoje, quando acabava o ano e todos estavam bêbados, que entrei no camarote para vê-la. Só por curiosidade. O Grego a mantinha na cama e parecia verdadeiramente uma mulher. Só que estava imóvel. Teria sido a noite, teria sido o ritmo do mar, teria sido o fim de ano, o pôquer ou o whisky, mas nunca desejei tanto uma mulher como essa boneca sem vida, deitada na cama e vestida como uma menina de sete anos. Beijei-a pelo pescoço e pelo ombro e ela chiava. Não queria abrir as pernas, mas docemente a preparei com as

mãos. Me fazia água, me desvanecia. Penetrei-a com cuidado, para não danificá-la e soltou um grito surdo.

(Técnico)

Quanto te tem dentro, ficam quentes e se movem como uma lavadora! Tem um botão vermelho no ombro para fazê-las gozar quando quiser. Gritam, estremeçam, dizem seu nome, juram que nunca tiveram um tão grande como o seu. As mais caras choram. Bom, você me compreende. Estes japoneses inventam coisas maravilhosas. Ao terminar, arrumei-a como estava e não deixei nada que pudesse ser suspeito. Mas durante a noite, quando todos dormíamos ou passávamos o tempo, o que quase sempre é a mesma coisa, ouvimos O Grego gritar:

(Como O Grego)

“Maldita. Esteve com outro homem! Despedaçou o meu coração!!!” Mas ela não dizia nada, enquanto ele é que punha palavras nos seus lábios de borracha. Então, com seu facão, abriu-a ao meio e lançou-a ao Pacífico. Esse mesmo Pacífico que, desde esse dia deixou de sê-lo e ficou raivoso e não faz outra coisa senão levantar ondas, comer barcos, afundar ilhas, sacudir continentes.

(Ouvimos o mar, terrível. Pausa)

O que não entendo é porque não fez nada comigo. Talvez, como todo marujo, decidi culpar a ela e não a seu amigo, a seu companheiro. No mar, um amigo é um amigo e uma mulher é sempre uma qualquer. A partir desse dia lhe começaram as dores de cabeça e a melancolia. Quando soubemos que estava doente, parou de falar e se pôs a dormir outra vez. Um dinossauro, com o coração despedaçado, esperando com lástima sua extinção. Meu amigo, esse homem a prova de balas, esse mastodonte dos sete mares, esse espécime jurássico, para surpresa e admiração de todos, morreu. Assumi o seu cão de três patas. Mas o cão não faz outra coisa senão chorar e dormir. Não come e em seus olhos já não há pupilas, senão quadros fugazes do Pacífico, na pior de suas tormentas. Talvez você saiba o que ele tem... Talvez possa me explicar essa dor.

(Pausa. Trata de não se comover demais.)

Há duas horas acabou o ano, o século e o milênio e, ouvindo as pessoas a se cumprimentar e a se desejar felicidade, lembrei de você, cachorro. Lembrei que era seu aniversário e resolvi passar por aqui nesse dia tão especial, quando acabam tantas coisas. Neste fim de coisas é que decidi terminar também com minha história e começar uma vida nova. Começando por recuperar algum amigo a quem eu não tenha faltado com

o respeito. A quem eu não possa prejudicar, de quem não me sinta responsável por suas desgraças. Porque essa boneca não valia uma vida e muito menos sua morte, nem a tristeza do cão de três patas, nem a decepção que tenho comigo mesmo. Ela não valia tantas penas porque, além do mais, este cão não tem tantas patas.

(Finalmente, se move e se senta. Deixa sua arma oficial de um lado.)

Quantos anos? Tens amigos? Quer cortar o bolo? Quer que eu te cante “parabéns a você”?

(De repente, sua arma dispara)

Te machuquei?

(Esconde a cara entre as mãos.)

É que sou um perigo para meus amigos!

**6/ Malasangre –**  
**3 a.m./03 horas**

*(Música. Aparece Malasangre, vem de uma festa.)*

MALASANGRE

Não, meu irmão, já sei que é seu aniversário e que um poema não é a melhor maneira de te fazer feliz na tua grande noite, mas é que não tenho dinheiro, Cachorreiro. Estou sem nada. A zero. Nothing. Niente. Sem um centavo, mas feliz. Dá para notar?

*(Grita de alegria.)*

É que a vida é uma maravilha, meu irmão. Eu me sinto como estes cães que você cuida, que abanam o rabo por nada, que por nada se sentem o teu melhor amigo. E agradeça que, como teu irmão mais velho, te dou um poema no teu aniversário. Porque poderia nem me lembrar de você. É que quando um cara é feliz, a família não existe. O quê? O cobrador pingüim veio atrás de mim? Pois ficará esperando no pólo sul, porque não posso devolver nem o dinheiro, nem o que comprei com ele. É que eu gastei em dois presentes para minha esposa. E ela já os apresentou em sociedade.

*(Pausa curta.)*

Refiro-me a seus peitos novos. São dois. Quatorze mil dólares e parecem reais, parecem de verdade.

*(Faz uma dança “para a teta”, brega mas divertida.)*

É que quando minha mulher me propôs, eu lhe disse o de sempre: “isso é tão caro”, “mas se os teus são tão lindos”, etc e tal. Mas ela nem ouviu... Mais persistente do que uma torneira pingando.

*(Como esposa)*

“São sete mil”.

*(Como ele)*

“Sete mil o quê?”

(Como esposa)

“Dólares.”

(Como ele)

“Os dois?”

(Como esposa)

“Cada um.”

(Os cães latem. Pensamos que vai dizer que são caríssimos.)

Mas de repente, não sei porquê, me pareceu barato. Incluía viagem de ida e volta a Maryland, estadia, ingressos para o zoológico, três bebidas no McDonalds e os dois peitos. Pacote fechado.

(Se mete com o público.)

Você não os compraria? Não, claro, não para você, mas de presente. Para alguém que precise. Como por exemplo, ela.

(Improvisa um jogo com os espectadores. “Você precisa deles, você tem em dobro, você pode dar de presente.” Escolhe um homem “você quer um, confesse.” Etc. dependendo do público.)

E eu disse à minha mulher, em tom filosófico e meditativo:

(Como um grito de vitória.)

Peitos, avante! Que eu peço emprestado, que para isso trabalhei toda a minha vida limpando o rabo destes cães. Não passaram quinze dias e ela se apresentou em casa:

(Como esposa.)

“Olá, querido!” E eu, te juro, em vez de olhar a sua cara, não pude tirar os olhos desses dois estupendos e fenomenais peitos que havia comprado por quatorze mil dólares, ingresso para o zoológico e três bebidas no McDonalds em Maryland, Estados Unidos.

(Encena.)

Desse tamanho!

(Mais.)

Assim!!!

(Como esposa.)

“Gostou?” – me disse.

(Como ele.)

Caralho – disse. Não, não disse “caralho”, disse...

(Em tom exagerado)

Caraaaalho!

(Como esposa.)

“Sabia que você ia gostar deles”.

(Como ele.)

E perdi a classe quando lhe disse: “posso tocá-los”?

(Como esposa.)

“Sou tua esposa” – me respondem os dois bichos imensos, olhando-me com luxúria. E então me lembrei que ela era realmente minha esposa e eu tinha o privilégio de tocá-la o quanto quisesse porquê, além do mais, eu que dei o dinheiro. E os toquei e te juro que pensei, “estes são os melhores quatorze mil dólares que já gastei em toda a minha vida!” Porque se trata, meu querido irmão caçula, nada mais, nada menos do que dois peitões enormes, gostosos, redondinhos e além do mais...!!! Meus. Meus!!!

(Evitando o mal entendido)

Quero dizer que eu posso tocá-los. Não me entenda mal. O que fiz quando me disse que podia tocá-los? Não, não os toquei com ternura, não me aproximei com medo, não os tratei com delicadeza. Pulei em cima como um tigre faminto arranhando a gazela de peitos postiços! Mas enquanto punha a língua para fora e a retorcia como uma chave de fenda esquizofrênica, como um liquidificador paranóico, foi quando minha mulher me agarrou pelo pescoço e cravando-me uma de suas doze unhas-

esporas, me disse:

(Como esposa.)

“Cuidado...” E antes que eu caísse em pranto, concluiu:  
“...que estão novos, querido, e tem que tratá-los com cuidado”.

(Malasangre abre os olhos, como quem viu uma tragédia)

Com cuidado?

(Fora de si, violento)

Com cuidado um caralho!!! O cuidado morreu. O cuidado foi enterrado por quatorze mil dólares de peito comprado em Maryland, United States.

(Toca então Guilherme Tell, alto, glorioso)

(Malasangre, rápido, com olhos de débil mental)

E foi então quando aqui mesmo, neste escritório, com os cães latindo e o pingüim tocando a campainha, com as jaulas abertas de par em par, com os peitos gringos tremendo de terror, fui para cima dela e já não era a língua e, sim, os dedos das mãos e dos pés, os dentes das mãos e os dentes dos pés, e fiz amor com minha esposa como nunca. Não trepei assim nem quando nos casamos há dois milhões de anos!

(Nos recria como foi o espetáculo, entre dantesco e cômico. Ao terminar, limpa a boca. Como se fosse um animal que acaba de devorar o outro)

Sabe o que é estar casado dez anos e de repente descobrir que tua mulher é a melhor trepada da cidade?

(Mais tranqüilo)

Quando ela foi embora, não parava de pensar nos peitos novos. Então comecei a chegar cedo em casa. Me esqueci dos amigos, das saídas noturnas, dos cães com sarna, das garotas do bar da frente. Ela feliz e eu mais. Até que fez a festa de apresentação. Os peitos, claro, eram o centro das atenções. Todos os meus amigos me cumprimentavam como se eu tivesse comprado um Porsche, um Mercedes novo ou um avião King 220.

(Como seus amigos)

“Que elevação... Que corte... Que linha... Que potência...” E eu, como se fosse o dono orgulhoso da égua que ganhou o clássico da temporada.

Obrigado... Obrigado... Não é para tanto. Tive sorte... Deus. Isso, vivo sempre rezando a Deus e aí...

(Como seus amigos)

“Que sorte você tem, cachorro, que sorte”. Até que, de repente, uma amiga os toca com inveja de cobra, babando como um Boxer retardado mental e... PAF!

(Pausa trágica)

Paf!

(Pausa. Olha para todos com terror)

Isso mesmo. Rompeu um dos peitos. A música parou de tocar, meus amigos deixaram de me admirar, as garrafas de champanhe se fecharam, as amigas da minha mulher levantaram o rabo, soaram os guizos e se arrastaram deixando-nos sós. Paf. Assim, sem mais. Sete mil e quinhentos dólares de Paf. Ficamos boquiabertos e a teta rompida.

(Escurece o cenário)

A noite ficou negra, chovia a cântaros e o futuro parecia um filme nacional. E ela? O que a minha esposa fez? Riu. E eu: “Mas meu amor, como você ri? Não te afeta o drama humano, a tragédia grega, o fim dos tempos, o apocalipse agora?” E ela, sem parar de rir, disse bem alto para que se inteirassem até o centro da terra: “Ainda me sobra um...” “Ainda me sobra um...” Pôs a mão no peito inflado e seguiu bem alegre na sua festa.

(Liga o rádio que está em cena: toca “Alma Llanera” ou algo festivo da moda)

Então voltaram as hienas, a tragédia grega virou pó, as corujas voltaram aos seus lugares, parou de chover, o dia chegou, cantávamos e as serpentes se arrastavam com a barriga para cima, mortas de inveja. “Tem garantia” – disse a minha mulher. “Com peça de reposição importada!!!” E passou a festa toda com uma mão no peito, mostrando orgulhosa o peito que lhe restava. E eu, de admiração, de puro amor, voltei a fazer amor de noite e de manhã. Agora todas as noites e todas as manhãs até o dia de hoje, que acaba o ano e estamos fazendo o calendário para quatorze meses! Porque eu gostei mais com um peito a menos. Entende agora o que eu quero te dizer? Ela disse: “Ainda me sobra um” e continuou dançando. Por isso me dói que não entenda o meu presente de aniversário. Porque agora eu escrevo poemas, danço nas noites à luz da lua, como chocolates, ouço a música que vem do céu e acredito em Deus.

Sim, em Deus, que se não existe deveria existir porque “ainda me sobra um...” Você acha que algum dia eu vou pagar ao Pingüim esses quinze mil dólares?

(Mais alto)

Muito difícil!!!

(Cúmplice)

Porque a única coisa que tem sabor melhor que um peito postigo, é um peito que ainda não foi pago.  
Feliz ano novo, my brother!!!

(Sai cantando, pornograficamente feliz)

**7/ Ator –**  
**04a.m./04 horas**

*(Música. Aparece o Ator em cena. Usa o mesmo traje da cena dois. Olha ao redor, perdido. O silêncio é absoluto).*

Já começo a ter os sintomas.

(Tira rapidamente um papel. Lê)

“...Alucinações, perda de memória, espuma pela boca, instintos assassinos...”

(Trata de fazer espuma pela boca, como puder)

Sim, a doença já começou a tomar conta de mim. Não, não preciso ir ao hospital, senhor cachorro. Já fui. E não me deram soluções. Bom, me deram uma e por isso estou aqui, esperando o Bandoleiro. Acontece que ele me mordeu. Foi na rua. Tinha estado aos trancos por ali, fugindo. De mim. Me aproximei dele, porque tinha os olhinhos bobos, você compreende, quase chorosos, de cãozinho perdido. E eu lhe disse:

(Se imita com rancor)

“Pobre cãozinho bonito perdido na grande cidade”. Vou acariciá-lo e... ZAZ! Mordida que quase me arranca os dedos. Saiu correndo e perdeu-se novamente. E pensei: por isso vive perdido, por ser um cão filho da puta. Quem vai querer um bicho como você, mau, besta, assassino? Fui embora e não lhe dei a menor bola. Lavei minhas mãos. Logo a ferida começou a inflamar e me senti mal. Fui ao médico e lhe disse: “um animal me mordeu”.

(Como médico)

Come bem?

(Como ele)

Eu? Bem. Normal.

(Como médico)

Você não. O cão.

(Como ele)

E eu que vou saber!

(Como médico)

Você sabe se o cão estava triste ou agressivo?

(Como ele)

Se me mordeu não estava recitando poemas.

(Como médico)

Você notou se bebia água?

(Como ele)

Não me dei conta deste detalhe. Ele me mordeu!

(Como médico)

Ele babava?

(Como ele)

Não me dei conta!!!

(Como médico)

Olhos vermelhos?

(Como ele)

Não me dei conta!

(Como médico)

Botava espuma pela boca?

(Como ele)

Não me dei contaaaaa!  
Então, muito tranqüilo, o médico disse:

(Como médico)

“Antes de qualquer coisa temos que encontrar o cachorro. Uma vez que o encontre, corte sua cabeça, coloque-a num recipiente com gelo e traga aqui para mim.”

(Como ele)

Cortar a cabeça do cachorro?!!!  
Pois resulta que depende de tudo isso a aplicação das sete doses mais um reforço da vacina anti-rábica. E estou nessa. Procurando o cachorro, porque sem ele não me dão atendimento médico, nem psiquiátrico. Talvez nem me atendam na funerária. E a minha mão se inflama. E começo a ter espuma na boca. E me dá febre.

(Pega um machado terrível)

E se vejo o Bandoleiro, não só vou cortar-lhe a cabeça, como é bem provável que eu a coma!

(Batendo o machado, com ódio)

Você não o viu por aí?

(Como se falasse a alguém que vai embora)

Não, senhor Cachorreiro. Não estou louco. Não me deixe sozinho. Não precisa ir embora assim. Covarde.

(Procurando)

...vem cãozinho, vem. Chega perto do papai para ele te fazer um carinhosinho...

(O Ator levanta a pata e urina. Grunhe. Parece que está se transformando num cachorro. Logo olha para o público, como cachorro. Mas vai se acalmando. Olha para o público com mais ternura, puro truque de cachorro. Se coça com uma pata. Abana a cauda, como um cachorro faria. Fica contente. Vemos fotos de cachorros de todos os tipos e cores, até que se detêm numa grande foto de um cão)

ATOR

Ahá, Bandoleiro. Apareceu! Pois escolheu bem a tua hora, porque são quatro da manhã, hora em que as pessoas gostam de matar.

(Olha por todos os lados. Confirma que está só. Pega o machado. O aponta)

Chegamos até aqui, meu amigo. Já não te suporto mais. Devia ter ficado perdido, porque na rua você tinha uma chance. Em baixo das rodas de um caminhão, espancado por adolescentes roqueiros ou na tábua de cozinha de um restaurante chinês. Mas comigo não tens futuro algum.

(Faz mira para matá-lo. Se detêm)

E não vais nem latir? Não pensa em sair correndo? Te entregas à morte assim sem mais, nem menos?

(Agora sim, que vai matá-lo, aponta. Trata de apontar melhor)

Você tem que me entender, Bandoleiro. É você ou o meu casamento. E, nessa aposta, você sai perdendo. Ainda que não por muito, você não vai acreditar. Além do mais, trata-se de uma recomendação do meu médico. Cabeça de cão com laranja!

(Aponta para matá-lo. Prepara-se. Pensa melhor. Num outro ângulo. Não consegue)

Caralho! Não me olhe assim, com essa cara de cachorro!

(Rapidamente aponta para ele)

Não que você esteja com raiva, Bandoleiro. Na verdade, apenas me mordeu. E o fez com compaixão. Trata-se dela. Você sabe que ela se casou comigo porque sou ator, mas o que você não sabe é que eu me casei com ela porque a amava muito. Ela foi e é a minha primeira noiva, sempre com os olhos lindos, como se estivessem envoltos em papel brilhante. Esses olhos que mudam de cor, quando leio em voz alta uma cena que ela gosta ou quando te acaricia, Bandoleiro, porque gosta de você mais do que de mim.

(Com raiva, vai matá-lo)

E eu aqui, em frente a esses olhos de cachorro que me olham e que não tem nem uma puta idéia do que lhe vou fazer, nem do que estou lhe dizendo. Não me olhe assim, como se gostasse de mim. Porque eu não escrevo poemas, não tenho um pregador na minha vida que tenha

destroçado o meu coração, não perdi tudo em uma tragédia famosa, nem nunca fiz mal aos meus amigos. Não abane o rabo! Bandoleiro! Não abane o rabo, seu filho da Puta! Você sabe que eu gosto quando abana o rabo! Não me mostre a língua!! Nem pense em lamber a minha roupa nova!!! O que está olhando? É comigo ou o quê?

(Procura o que o cão está olhando)

O que quer que eu faça?

(O Ator observa elementos das outras personagens que ficaram em cena: o poema do Cachorro, o whisky do Marinheiro, o hambúrguer do Pingüim, o jornal de Chacon. Se decide pelo poema, o recolhe. Toca “Last Dance”, música instrumental de Sarah McLachlan. Lê, primeiro para si mesmo. Depois para o público, com voz doce. Com paixão de ator)

“Será que não me entendes?  
Estou te falando do amor  
Ainda que acredites que é terremoto, furacão ou epidemia  
Não, isto é pior  
Porque o amor não termina, nem muda tua vida.  
Mas a parte em pedaços para sempre”

(Sorri. Olha o cão. Guarda o poema primeiro e o machado depois. Pega o telefone celular. Ao longe, cães ladram)

Alô, meu amor. Sinto muito... Você não vai acreditar, mas passei toda a noite de ano-novo no canil. Esperando Bandoleiro. Você sabe que eu sempre odiei esse cão maldito. Mas fiquei aqui e as pessoas apareciam. Gente solitária que daria o que fosse para ter alguém como você a seu lado. Bandoleiro está comigo. Me reconheceu imediatamente e me saudou com alegria. Não, não tenho nenhum sintoma. Na verdade, apenas me mordeu. Você já sabe como eu gosto de exagerar e como Bandoleiro rosna quando minto. E acho que o bicho deve ter passado bem mal para me receber assim, com tanta abanação de rabo. Ou simplesmente me perdoou. Talvez seja isso. Mas estou te ligando porque quero dizer que tenho muita sorte de tê-lo a meu lado. E a você. De ter você comigo. Espere-nos acordada. Sim, já sei que nunca penso dessa maneira. Mas hoje, depois de ter passado a noite aqui, Bandoleiro não me parece um cachorro. Me parece muito mais uma tábuca de madeira pequena e peluda flutuando no imenso oceano! Já vamos para casa, meu amor!

(Fecha o telefone. Ao cão)

Vem cãozinho, vem!!! Vem cachorro lindo... vem com o papai!!!

(Aparecem então em todo o cenário os cães em jaulas e fotos de cães, todos bonitos. O ator brinca com seu cão, com afeto. Ouvimos as pessoas que cantam “parabéns a você”, desta vez com mais entusiasmo. No final do “parabéns”, ouvimos desejar “feliz ano novo” em todos os idiomas. Toca a música tema. Escurece.)

FIM